



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

UM CONVITE A (RE) DESCOBERTA DA LEITURA EM SALA DE AULA

Erdenia Alves Santos; Esdras do Nascimento Ribeiro.

*Mestrandos em Letras do Programa de Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG / Campus Cajazeiras – PB. E-mail: erdenialves@gmail.com
esdras.ribeiro2013@gmail.com*

Resumo:

Este trabalho evidencia como as experiências de leitura do professor contribuem para a promoção desta em sala de aula. Assim como propõe uma análise dos reflexos que a leitura proporciona, sendo esta uma extensão do próprio ser humano, desse ser mosaico de outros seres encontrados nas diversas leituras que fazemos ao longo da vida, pois a leitura, além de instrumento humanizador, é o mais completo exercício deste corpo que transborda linguagem. Fundamentando-se em estudos bibliográficos a partir de autores como: Bamberger (1986), Barthes (1980), Colomer (2007), Cosson (2012), Pinheiro (2007), este trabalho convida-nos a uma reflexão acerca da necessidade de formarmos também professores leitores para que sua experiência significativa de leitura seja uma ferramenta a mais para o incentivo desta. E, diante dessa realidade, proporcionar aos alunos do ensino básico, uma (re) descoberta da leitura, através do desenvolvimento de estratégias que os aproximem afetivamente e efetivamente desta.

Palavras-chave: Professor, Ensino, Leitura, Literatura Infanto-Juvenil.

INTRODUÇÃO

A leitura é essencial para o ser humano, seja na construção do seu conhecimento, na formação de uma consciência crítica, no aprimoramento das competências e habilidades linguísticas ou atuando como agente transformador do indivíduo enquanto ser social. Nos últimos anos, entretanto, têm sido frequentes os questionamentos a respeito do ensino de Literatura em nossas escolas, pois este ensino tem sido marcado pela transmissão tradicional, tecnicista e pela supervalorização da historiografia literária em detrimento do ato de ensinar a ler literatura. Esta prática reducionista diminui o texto literário, tornando-o um mero objeto de ilustração, um objeto decorativo e que, por muitas vezes, acaba por distanciar o aluno da leitura.

Com o objetivo de possibilitar o letramento literário e despertar no aluno o prazer pela Literatura, através da leitura de suas obras, este trabalho procura promover o interesse pelo mundo da leitura, visando o desenvolvimento real e pleno de um leitor consciente e crítico.

Para tanto, é necessário que o professor também seja um leitor e sua experiência leitora seja um instrumento

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br

significativo para o incentivo e para a mobilização do interesse do aluno de forma convincente, pois passará de professor a mediador entre a leitura e o aluno.

O professor-leitor busca formas não convencionais e não mecânicas de trabalhar a leitura do texto literário, para dessa forma conquistar o aluno e torná-lo também um leitor autônomo, capaz de construir laços afetivos e efetivos com o próprio ato de ler. Tornando-se, pois, leitores independentes, com a percepção da leitura como fonte inesgotável do saber, escopo da construção social e individual do humano, o aluno conceberá o texto literário como reflexo de suas próprias vivências.

METODOLOGIA

O presente trabalho pauta-se em princípios qualitativos e quantitativos, sendo um estudo tanto de cunho bibliográfico fundamentado em um aporte teórico já apresentado anteriormente quanto uma pesquisa de campo realizada com os alunos do ensino médio, que compreendem uma faixa etária entre 13 a 18 anos, estudantes da Escola de Ensino Fundamental e Médio Presidente Geisel, da cidade de Juazeiro do Norte – Ceará.

A pesquisa de campo consiste na investigação acerca do gosto literário dos alunos por meio da coleta de dados realizada através de entrevistas. Por conseguinte, após essa etapa e com base nas informações coletadas, foram desenvolvidas ao longo das aulas atividades diversas, visando estimular o gosto pela leitura nos alunos, bem como possibilitar a formação de leitores críticos, conscientes e autônomos, considerando os diferentes contextos educacionais de uma sociedade que pouco contribui para a formação de sujeitos leitores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma enfática preocupação no que diz respeito à leitura e a formação do aluno-leitor têm sido observadas no contexto escolar. E, no final da década de 90, com o advento dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's – de Língua Portuguesa, tem-se discutido as necessidades da formação não apenas de meros leitores, mas de leitores críticos.

No que se refere ao uso do texto literário em sala de aula, mesmo a Literatura correspondendo a uma necessidade inerentemente humana, não significa que os alunos tenham se dedicado a ler alguma obra literária nas aulas ou que a Literatura, se lida, seja adequada à sua capacidade e interesse. Isso se dá porque o

ensino da Literatura se tornou problemático, visto apenas sob o olhar pedagógico, desculpa para o ensino curricular de uma disciplina, perdendo seu caráter social modificador do indivíduo como pessoa e agente transformador do contexto no qual está inserido.

Instrumentos nacionais de avaliação – o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), a Prova Brasil e a Provinha Brasil – e também o estrangeiro PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) atestam o despreparo dos nossos alunos quanto à capacidade leitora. Este baixo desempenho se deve à ausência do domínio da leitura compreensiva e crítica, não desenvolvidas, tampouco, incentivadas de forma efetiva.

No cenário atual de ensino da Literatura, existe o que se pode chamar de enquadramento dos autores e obras nas escolas literárias e baseadas numa abordagem cronológica de panoramas históricos e na caracterização dos estilos literários de forma reducionista, diminuiu-se o texto literário, e os alunos podem vir a classificar as aulas de Literatura como aulas de História. Classificação essa que evidencia a sobreposição da Literatura em seu contexto histórico, a leitura da própria Literatura, a qual tornaria o aluno um leitor competente, capaz de construir e dar um sentido as obras literárias.

O professor como agente propagador da leitura, deve estar sempre atento às relações entre ensino literário e leitura literária, para que não seja o causador direto da aversão do aluno pelo ato de ler. Mesmo sabendo que os alunos, em grande parte, não despertaram ainda para o hábito da leitura ou não leem prazerosamente, o professor em sua experiência de leitor é de fundamental importância para a percepção positiva do aluno quanto ao ato de ler; sendo assim, o professor deve ser a o primeiro a amá-la e torná-la uma prática cotidiana. Surgem, então, as problemáticas: Atuam em nossas escolas professores leitores? Partindo da ideia de que existam, há uma formação eficiente no que diz respeito ao modo como os alunos devam ser conquistados para a leitura?

Para Bamberger (1986, p.57) “está claro que a personalidade do professor e particularmente seus hábitos de leitura são importantíssimos para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nas crianças”. Seguindo a mesma linha de pensamento, Pinheiro (2007, p.32) aponta algumas ações essenciais para o trabalho com a leitura, destacamos, dentre essas, “que o professor seja realmente um leitor, que tenha uma experiência significativa de leitura, o que não quer dizer ser um erudito, antes, alguém que embora tenha lido poucas obras, o fez de forma proveitosa”.

A leitura e a forma como ela é trabalhada em sala de aula é, muitas vezes, marcada por práticas mecânicas e técnicas pragmáticas, nas quais o

texto, quase sempre é pretexto para a aquisição de um conteúdo gramatical, da própria redação/produção textual ou mesmo para identificar o contexto histórico-literário. E a Literatura, instrumento de maior atratividade para a sedução do leitor é confundida com a apresentação das características literárias presentes num dado texto e seu período na história, não que esses não sejam dados importantes para a compreensão do que se lê, mas não podem ser dados reducionistas – e que nos perdoem os amantes dessa tendência filosófica –, mas um fato a ser observado na Literatura é sua capacidade transformadora e esse é o primordial da faculdade leitora, não podendo ser simplificado ou diminuído. Portanto, como bem nos fala Magda B. Soares (2001):

Não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, [...], ao se tornar “saber escola”, se escolarize, e não pode se atribuir, em tese, [...] conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola [...]. O que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, que se traduz em ser deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização, mas compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o. (SOARES, 2001 *apud* COSSON, 2012, p.19)

Observamos, pois, a necessidade de discutir no âmbito escolar acerca da urgência de nos tornarmos professores-leitores, amantes dos livros, mediadores da leitura em sala de aula. Desse modo poderemos suscitar em nossos alunos o mesmo fascínio e a mesma paixão que encontramos na leitura. Esta que não é um ato reflexo, pois se trata de um resultado que requer um trabalho cauteloso, feito diariamente, planejado, avaliado e, sem dúvidas, (re) pensado sempre. Nesse sentido, faz-se quase que obrigatório entender que cantinhos de leitura não constituem o aluno um sujeito leitor, são apenas uma forma de embair e amenizar nossas falhas e deficiências.

É certo que se faz necessário um investimento na formação dos professores, para que sob essa nova ótica do ensino da Literatura, transformem-se em professores que leem (sempre mais), professores-leitores. Redefinindo a prática pedagógica, banindo-se o esvaziamento do texto literário, buscando o êxito na atuação, o professor será acima de tudo um sujeito leitor, um estimulador do debate, da percepção dos mundos além das páginas, do diálogo entre os universos e personagens de diferentes obras e da realidade nelas refletida. E dessa forma, o fim último do ensino da Literatura se alcançará: conquistar alunos-leitores.

Ensinar literatura em um contexto tão adverso como o de hoje requer uma mudança drástica na maneira de transmitir esse conteúdo. O contexto educacional adquiriu novas formas, a escola acaba enfrentando muitas dificuldades até



conseguir se adaptar a essas mudanças e, principalmente, à nova realidade dos alunos. Discentes com perfis totalmente diferentes daqueles com os quais a escola estava acostumada a lidar. Agora, prender ou até mesmo chamar a atenção desses sujeitos para a leitura tornou-se um verdadeiro desafio, o que se torna cada vez mais árduo em concorrência com a internet.

Com a profusão exorbitante da tecnologia digital, todos os dias, como que por imposição, é necessário se acostumar, adequar-se e aprender, sobretudo, a lidar com algo novo. Se olharmos apenas para o que ganhamos nesses tempos, tudo é por certo superlativo. No entanto, o que perdemos? De que forma o hábito da leitura vem sendo deturpado nesse processo? Aquele novo já se tornou corriqueiro, cotidiano, normal, não mais nos espantamos.

A enxurrada de informação – que não pressupõe qualidade na informação – conduz à compulsão irrefletida, que gera a perda da capacidade de demonstrar respeito, estima, admiração. Perdeu-se, para somar ao rol do que foi, o gosto pelos livros. Recebemos e enviamos mensagens de forma instantânea e formulamos até uma nova escrita para comunicação mais rápida. E vivemos mais rápido...

Imersos nesses tempos, mais do que nunca se faz necessária a pergunta: por que ainda a Literatura no currículo do Ensino Médio se seu estudo não incide diretamente sobre nenhum dos postulados desse mundo hipermoderno? Boa parte da resposta pode ser encontrada talvez no próprio conceito de Literatura tal como o utilizamos até aqui, isto é, em seu sentido mais restrito. Embora se possa considerar, lato sensu, tudo o que é escrito como Literatura (ouve-se falar em literatura médica, literatura científica, etc.), para discutir o currículo do ensino médio tomaremos a Literatura em seu stricto sensu: como arte que se constrói com palavras. (BRASIL, 2006, p.52)

Justifica-se, no espaço moderno, a necessidade de um trabalho com a Literatura que desperte a formação de um comportamento crítico diante desse mundo onde nossas mentes são atormentadas por fatos fugazes.

É certo, e há quem concorde, que a maioria nunca escreveu e leu tanto como nestes tempos. A problemática que se levanta é que muitos habitantes desse maravilhoso mundo digital perderam, ou nunca tiveram, a habilidade de escrever de forma bem estruturada, com estilo e domínio de sua língua materna. Esse fato só reflete a gigantesca deficiência da capacidade leitora do país.

O que está em pauta não é o abandono da tecnologia, com seus resultados positivos, pois seria irracional; mas torná-la uma aliada em sala de aula. Como o professor-leitor pode torná-la um instrumento de aprendizado eficaz para seus alunos? Ensinando-os a, através de

um crivo, de uma seleção, buscarem mais que simples informação, mais conteúdo, qualidade.



O pensador francês Barthes (1980) afirma que o fascismo não consiste em impedir, mas em obrigar. E temos, por vezes, a tendência de ditar e impor aos nossos alunos, pela própria tradição pedagógica, o que eles devem ou não ler. Essa prática castra a espontaneidade do aluno diante da Literatura e do próprio ato de ler.

Elaboramos, pois, estratégias didáticas a fim de conhecer melhor o novo perfil literário dos alunos na era da globalização, em que é muito mais acessível o contato com outras culturas e, para eles, a Literatura que surge desse novo mundo, pode ser muito mais atrativa. O primeiro passo consistiu em realizar, em 2014, uma pesquisa com 792 alunos da Escola de Ensino Fundamental e Médio Presidente Geisel, da cidade de Juazeiro do Norte, Ceará.

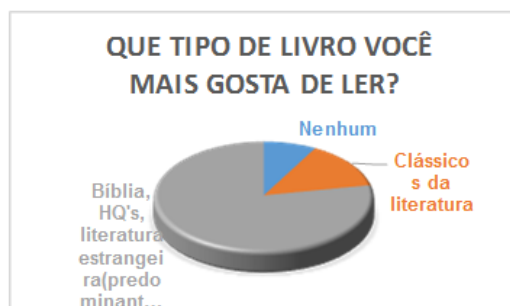
Em relação à pesquisa os gráficos abaixo representam uma visão geral acerca das indagações presentes no questionário aplicado aos alunos. Em linhas gerais, 66% dos alunos que responderam a esse questionário apontaram que gostam de ler, enquanto 34% não gostam. Conforme:

Gráfico 1: Enquete de leitura literária



Em relação às suas preferências, 78% dos alunos que afirmaram gostar de ler, mostraram que seus livros preferidos correspondem predominantemente à literatura estrangeira, citando também histórias em quadrinhos (HQ's) e a própria Bíblia. Conforme:

Gráfico 2: Tipo de leitura literária preferida



A partir dos resultados dessa pesquisa, procuramos valorizar as escolhas literárias dos alunos e, assim, buscar subsídios e estratégias para (re) aproximá-los também dos clássicos da literatura nacional. Desenvolvemos trabalhos diferenciados

e que procuram atender a todos os gostos literários,

apoiano-nos nas diversas formas em que se manifesta a literatura, como música, teatro, HQ's, cinema. Dessa forma, os alunos têm a oportunidade de se engajar nos grupos literários que melhor satisfaçam suas necessidades leitoras, como apresentados abaixo:

Piqueniques literários: Literatura degustada – Nem só de pão vive o homem.

Esses momentos são necessários para identificar, concretamente, o gosto literário dos alunos. Cada um deles leva um livro de sua preferência para apresentar aos demais e fazer sua publicidade. Não há restrição quanto ao tipo de obra, independentemente do movimento literário que esteja sendo estudado, porque o objetivo é conhecer o novo perfil literário de aluno. As comidas do piquenique também são compartilhadas entre os alunos, cada um traz seu prato, todos se alimentam deste; aprendem, assim, que a leitura também pode ser partilhada e saboreada, e que, dessa forma se torna muito mais agradável e prazerosa.



Figura 1: Piquenique literário (1º ano)

Exposições Literárias e Cine Literatura.

As exposições são organizadas a partir da leitura de uma única obra, escolhida pelos alunos e que esteja em cartaz no cinema ou que já tenha sido lançado como filme (que será assistido). É realizado um cronograma de leitura e marcado o dia da sessão para que, ao assistir ao filme, todos já tenham lido a obra. As discussões são realizadas em pequenos momentos e grupos, em seguida, representantes desses grupos decidem juntos quais dos assuntos pautados são relevantes para a exposição, assim como decidem a estética e a realização desta.



Figura 2: Exposição literária de “O Pequeno Príncipe”.

Chás e cafés literários.

São momentos diferenciados de leitura, que ocorrem em horários específicos, os cafés pela manhã e os chás pela tarde. Nesses grupos de leitura não são realizadas ou comentadas as obras literárias completas, mas discussões ou análises interpretativas de contos, crônicas e poemas.

Saraus Literários

Esses momentos ocorrem paralelamente aos movimentos literários estudados (Romantismo, Parnasianismo, Simbolismo, etc.), porém, os alunos não são obrigados a participar. Eles se organizam em pequenos grupos, cada um desempenha uma função específica (organização, cenário, figurino, apresentação musical, declamações, interpretações...) para expor para os colegas de outras turmas. O foco desses momentos é apresentar a essência libertadora da poesia, que há muito deixou de ser texto exclusivamente de entretenimento para tornar-se grito de denúncia e reflexo da alma humana.

Júri simulado

Esta estratégia consiste em, com base na leitura e análise de obras literárias como Dom Casmurro, Lucíola, Triste fim de Policarpo Quaresma, Vidas secas, São Bernardo, O crime do padre Amaro, como também de textos da Literatura infantil a exemplo dos Os três porquinhos, Chapeuzinho vermelho, organizar um Tribunal para julgar os vilões/antagonista, que sob o olhar literário cometeram crimes contra os mocinhos/protagonistas.

Literatura (Re) visitada

Assim como as exposições, esse projeto se organiza a partir da leitura de uma única obra que esteja em cartaz no cinema ou que já tenha sido lançado como filme, também a escolha dos alunos. Realizado o cronograma de leitura e a sessão cinematográfica, há discussões, realizadas em pequenos momentos e grupos, nas quais eles decidem juntos quais serão as formas de apresentação da obra para a escola. A obra pode ser apresentada por meio de peça teatral, teatro de sombras, musical, museu vivo, filme mudo. O intuito é chamar a atenção dos expectadores para a obra literária em questão e mostrar que a literatura pode se manifestar de diversas formas, que a literatura pode estar em qualquer lugar.



Figura 3: Releitura de “O Mágico de Oz”

CONCLUSÃO

A leitura é, indubitavelmente, uma ferramenta que proporciona o desenvolvimento de diversas habilidades do indivíduo e propicia a aquisição de diversos saberes, assim como a possibilidade de conhecer a si mesmo, pois a literatura promove a humanização. Reafirmamos que a formação do aluno-leitor acontece em virtude da condição leitora do professor, por isso, é essencial que suas leituras girem em torno da literatura nacional ou estrangeira, sendo ela clássica ou não.

O professor-leitor, é certo, deve refletir sobre o desenvolver da leitura de algumas Literaturas. Deve estar atento à diversidade de textos produzidos contemporaneamente, alguns, por vezes, tentam evertir e criticar, de maneira pejorativa, a produção literária já canonizada.

Todavia deve preparar estratégias que rompam com os padrões discursivos tradicionais e, levar os clássicos para a sala de aula, de forma criativa, inaugurando novos desafios para os

leitores acostumados à leitura de obras da Literatura

contemporânea, assim não deixará de considerar os anseios dos alunos.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. Trad. Octávio M. Cajado. São Paulo: Ática / UNESCO, 1986.

BARTHES, R. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.

BRASIL. Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1)

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: A leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2012.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 3. Ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.